

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

Il compagno: uma releitura pavesiana no pós-guerra do fascismo

Alexandra Helena Pavan Pavão
Mestranda em Literatura - UFSC

IL COMPAGNO:
A REINTERPRETATION PAVESIANA POST-WAR FASCISM

RESUMO: O período do pós-guerra na Itália é muito rico nas suas produções e manifestações artísticas. É, exatamente, neste período que o escritor Cesare Pavese, mesmo declarando-se distante da 'política', publica o seu texto mais 'político': *Il Compagno*. O romance de 1947 traz um protagonista diferente dos demais personagens pavesianos, apesar de manter algumas semelhanças, tais como o ócio e o espaço de Turim. O objetivo deste trabalho é analisar a releitura que Pavese faz de aspectos do fascismo quando o regime não estava mais em vigor. De fato, na península já havia sido realizado o plebiscito de 1946, no qual foi escolhida a República como forma de governo.

PALAVRAS-CHAVE: Cesare Pavese; *Il Compagno*; Fascismo; Pós-guerra italiano.

ABSTRACT: The post-war Italy is very rich in its productions and artistic events. It is exactly this period that the writer Cesare Pavese, even declaring himself away from 'politics', publishes its text more 'political': *Il Compagno*. The 1947 novel features a protagonist pavesianos different from other characters, while maintaining some similarities, such as idleness and the area of Turin. The aim of this study is to analyze the reading Pavese that makes aspects of fascism when the regime was no longer in force. In fact, the peninsula had been held the plebiscite of 1946, which was chosen as the Republic form of government.

KEYWORDS: Cesare Pavese; *Il Compagno*; Fascism; Post-war Italy.

Tradutor da língua inglesa, escritor de poesias e romances e declaradamente apolítico, Cesare Pavese, o italiano de Santo Stefano Belbo que pertence à geração de escritores nascidos na primeira década do século XX, deixou importantes contribuições no cenário literário e cultural da península. No período em que estudou no Liceu D’Azeglio conhece nomes tais como Leone Ginzburg, Norberto Bobbio, Tullio Pinelli, Massimo Mila, todos seguidores de Augusto Monti, professor deste mesmo liceu, o qual mais tarde, terá grande importância no seu percurso intelectual. Nos tempos da faculdade, Pavese ainda convive com estas pessoas e passa a fazer parte do grupo de intelectuais e antifascistas formado por alguns de seus colegas dos tempos de liceu. Apesar da convivência e da amizade com os outros membros, é importante salientar que Pavese não tinha as mesmas atitudes dos demais.

Esse grupo de pessoas acima citado, do qual Pavese faz parte, pode ser caracterizado por ser composto por homens de letras, os quais são integrantes de uma espécie de elite cultural. Basta pensar que o fundador de uma das maiores editoras italianas, Giulio Einaudi, e um dos maiores filósofos do século XX, Norberto Bobbio, fazem parte do mesmo. Para eles e para outros intelectuais deste período, seja na Itália, em Portugal ou na Espanha, o trabalho e a atividade de escrita podem ser vistos como uma forma de reação e até de ‘combate’ contra as instituições hegemônicas que criam um sistema de poder responsável por controlar a vida da nação. Se analisar a situação italiana, onde o país é dominado por um regime totalitário,

a escrita que se apresenta como dissonante é fundamental para o manutenção de um diálogo.

Depois da guerra o escritor de Santo Stefano Belbo se filia ao Partido Comunista Italiano¹, sendo que sua adesão foi uma questão formal e não ideológica, pois, realmente não concordava com as idéias do partido. Sua afiliação pode ter sido apenas para poder seguir uma carreira, uma vez que, naquela época era obrigatório pertencer ao partido caso se quisesse conquistar um emprego em instituições oficiais ou em escolas. Seu ofício, porém, continua sempre aquele literário, no qual escreve artigos, colabora com a Einaudi, se interessa por assuntos variados como a mitologia, fato que é possível verificar na obra *Dialogo con leucò*². No entanto, é apenas nas obras escritas depois de 1935, após a prisão em Brancaleone Calabro, no sul da Itália, quando foi condenado injustamente por oficiais que encontraram cartas comprometedoras sobre assuntos políticos, em seu apartamento, as quais não lhe pertenciam, que Pavese passa a dar um tom mais ‘político’ para o que escreve. Tais escritos realmente não eram dele, mas sim, de Battistina Pizzardo, mais conhecida como a *donna dalla voce rauca*³, mulher que vive uma vida clandestina por suas relações políticas e pela qual Pavese estava apaixonado.

¹A inscrição no Partido Comunista Italiano acontece dois anos depois da publicação do livro *Il Compagno*, corpus deste trabalho.

²PAVESE, Cesare. *Dialogo con leucò*. Einaudi: Torino, 1947.

³Assim ficou conhecida Battistina Pizzardo: a mulher da voz rouca.

Se no trabalho com a tradução os posicionamentos de Pavese podem ser mais claros, apesar dele nunca ter-se declarado um escritor ‘engajado’, na sua produção literária tal aspecto aparece, ainda que sutilmente, após 1935 e mesmo assim é menos evidente se comparado a de outros escritores contemporâneos, como por exemplo, o próprio Vittorini. Todavia, os questionamentos sobre a sua função e o seu papel como escritor são constantes:

“Pavese, per esempio, per alcuni anni batté con forza sulla necessità di uscire dalla propria solitudine. <<Romper l’isolamento, prender parte alla vita attiva, trattare il reale>>, perché – spiegava - <<questo è l’ostacolo, la crosta da rompere: la solitudine dell’uomo – di noi e degli altri. La nuova leggenda, il nuovo stile sta tutto qui. E, con questo, la nostra felicità>>. Era un programma di vita, ma era anche un programma di arte: una poetica. Pavese lo sapeva: << Il calzolaio fa le scarpe e il campomastro fa le case – meno parlano del modo di farle e meglio lavorano – possibile invece che il narratore debba invece impunemente chiacchierare soltanto di sé?>>. Non più dunque torri di avorio, non supervalutazioni superbe è colpa, peccato <<dell’orgoglio e del senso>>; che del proprio lavoro bisogna rendere conto non a Dio un domani lontano, ma oggi a quelli che ci leggono: <<Sono uomini quelli che attendono le nostre parole, poveri uomini come noialtri quando scordiamo che la vita à comunione. Ci ascolteranno con durezza e con fiducia, pronti a incarnare le parole che diremo. Deluderli sarebbe tradirli, sarebbe tradire anche il nostro passato>>.”⁴

Como coloca Petronio (2000), é possível perceber que o papel social do escritor é muito amplo. Nesta função ele participa de transformações culturais e propicia momentos de reflexão também em outras áreas de atuação que fogem do seu espaço mais consagrado, que é aquele literário, fazendo do seu ofício um elo entre a literatura, os problemas da sociedade contemporânea e o dia-a-dia de cada leitor. Tal relação entre ficção e realidade pode ser identificada pela linguagem, pelos tons e pelos temas escolhidos pelos autores: “dunque pure la scrittura dei romanzi deve adeguarsi ai problemi di chi legge, deve essere il riflesso nel linguaggio, nei toni, nei temi, della società contemporanea”⁵

É esta relação que o leitor pode observar em *Il Compagno*⁶, obra escrita por Pavese em 1947 e, portanto, após o fim do regime fascista. Neste romance aparece a alma do escritor que não participou da luta armada, que caminhou pela história pensando e repensando na atmosfera que precedeu a resistência e nos diversos sentimentos que rondavam aquela época, os quais, possivelmente poderiam ser resumidos em medo e apreensão. Todas estas características fizeram de *Il Compagno* um romance de caráter mais ‘político’ e ‘engajado’ se comparado aos demais.

⁴PETRONIO, Giuseppe. *Racconto del novecento letterario in Italia (1940-1990)*. Milano: Oscar Mondadori, 2000, 16 – 17.

⁵TRERÉ, Sante; GALLEGATI, Graziella. *Nuovi itinerari nella comunicazione letteraria*. Firenze: Editore Bulgarini, 13ª ed, 1992, p. 1158.

⁶PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001.

É, portanto, nesta perspectiva, que se pode propor uma análise mais atenta desta obra. O próprio título já é bastante significativo: quais as acepções que tal vocábulo pode ter em um momento cultural como aquele do final da década de 40? A palavra companheiro poderia ser uma simples referência a todos os amigos de Pablo, o protagonista, ou somente a Amelio, seu principal amigo no início da trama, ou a Carletto, Luciano, Gina e Giulianella que viram a perseguição fascista mais de perto da metade para o fim do romance?

Entretanto, é possível perceber que Pablo é o foco das ações. É a partir da história de vida da personagem principal que o leitor percebe o desenrolar de uma série de acontecimentos reais. O protagonista passa por uma espécie de processo de amadurecimento e, sobretudo, de conscientização. Tal processo pode ser identificado quando se faz a comparação entre as duas partes do romance, muito embora, o leitor não encontre nenhuma marcação formal para defini-las. Estes momentos são caracterizados por dois cenários que servem como pano de fundo para os espaços narrativos. O primeiro deles apresenta a cidade de Turim, com seus eventos comuns, como os passeios ao ar livre, marcados pelas colinas e pelo rio Pó⁷, quando Pablo, é um jovem boêmio rodeado pelos amigos que saem para cantar e tocar, um jovem sem muitas aspirações e sem preocupações com a vida. A guitarra, que o acompanha sempre, nesta fase, pode ser vista como símbolo maior do divertimento, do desinteresse e do

descomprometimento. O segundo espaço mostra a rápida e agitada metrópole romana onde a personagem principal se refugia de uma desilusão amorosa que ocorreu ainda na primeira metade do romance. Na verdade, pode-se dizer que o processo de conscientização vivido por Pablo inicia desde que ele decide ir para Roma; fato que acontece depois dos encontros com Linda e, mais tarde, com Carletto que se passaram também na primeira metade do romance. O processo de conscientização da personagem principal faz com que ela perceba de outra forma as pessoas e, o que acontece à sua volta. Se na parte inicial o que se tem é o ócio como marca dominante dos dias em Turim, agora, em Roma, Pablo se interroga a todo instante. A onipresença da cidade e as forças do poder passam a perfilar a nova atmosfera. Aqui a guitarra é trocada pelos livros, marcando a ‘transformação’ do jovem boêmio para o homem intelectual que luta pelos seus ideais.

Em *Il Compagno* podem ser identificadas diversas passagens que remetem ao regime fascista, porém, é apenas na segunda fase do romance que as palavras *fascio*, fascismo ou fascista aparecem de maneira declarada. A primeira vez que isto acontece é no diálogo entre Pablo e Milo, o mecânico, no décimo capítulo, quando o protagonista pergunta “solo i fascisti mangiano?”⁸ e quando o trabalhador responde que “é la cucina che è fascista”⁹. A presença do fascismo torna-se mais evidente no livro quando na conversa entre Pablo e Carletto eles se interrogam “com’era che avevano

⁷ Imagem poética do rio Pò é frequentemente utilizada pelo autor.

⁸ PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001, p. 73.

⁹ PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001, p. 73.

fatto i fascisti?”¹⁰ e que eles deveriam fazer um bloco para resistir a este grupo de pessoas ou ainda quando chega a notícia que Luciano foi preso e que provavelmente Giulianella estava sendo seguida quando ia visitá-lo na prisão. Outro ponto importante é a prisão de Amelio que segundo Linda “faceva il rosso, il comunista, e c’è cascato”¹¹. Todas essas citações são exemplos de como a narrativa do romance vai sendo construída e, ao mesmo tempo, do crescimento do nível de tensão, à medida que se dá o processo de formação de Pablo.

Entretanto, o ponto alto da obra são os livros pertencentes a Luciano que chegam até Pablo e, sua conseqüente prisão em um domingo pela manhã, quando o protagonista pensava em visitar Aurelia: “non ebbi il tempo, per fortuna. Mi arrestarono prima di giorno, pigliandomi a letto”.¹² O processo de conhecimento da realidade dos fatos que estão ao redor do protagonista e que passam a ser percebidos de outra forma, fica cada vez mais claro na segunda metade do romance. Se, de fato, em Turim, Pablo não se importava com o que acontecia nos arredores e na sua vizinhança, agora, em Roma, isto parece que é algo inevitável. Junto deste ‘novo’ olhar, de um ver de forma mais atenta, é que se torna imprescindível ler e entender os elementos que compõe a trama social, na qual a personagem principal está inserida.

“Un giorno misi le mani su pacco di libri. Non li avevo buttati nel Tevere. Erano vecchi e bisunti. Me li guardai per passatempo e dissi a Gina: - Se qualcuno ti chiede, quest’ è roba del Biondo - . Ce n’era di scritti in francesi e altre lingue. Li fece fuori l’indomani giù dal ponte. Ma quelli scvritti in italiano me li tenni. Raccontavano come era andata la guerra del ’15 e la storia del Fascio e la marcia su Roma. C’erano dentro i socialisti e tutti quanti, contadini, operai, metallurgici, squadre d’azione. I fascisti li avevano cercati e picchiati, ammazzato i più in gamba, e incendiate le case del popolo. (...) Tutte le sere ne leggevo un altro pezzo, col batticuore quando un passo si fermava sulla porta, e capivo che un libro così non potevo buttarlo via”¹³.

A passagem acima citada se refere a quando Pablo é indagado sobre seu pertencimento ao Partido Comunista. Analisando esta e outras poucas passagens do romance citadas durante este artigo, já é possível perceber que Pavese, mesmo depois da guerra, e se declarando apolítico, a seu modo, volta a reler o período do regime fascista. Tal ação reforça o papel social do escritor, como aquele, que propicia momentos de reflexão em áreas distintas daquela literária. Cabe agora ao leitor pavesiano entender a ambigüidade existente na obra de Cesare Pavese, que, apesar de não se mostrar preocupado com a política, escreve um romance que pode ser comparado a outros que se inserem em uma linha definida de textos ‘engajados’, fato que pode ser também uma resposta ao seu ‘desempenho’.

¹⁰ PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001, p. 89.

¹¹ PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001, p. 114.

¹² PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001; p. 134.

¹³ PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001, p. 103.

REFERÊNCIAS

MANACORDA, Giuliano. *Storia della letteratura italiana contemporanea (1900-1940)*. Roma: Editori Riuniti, 1999.

PETERLE, Patricia. Il ruolo dell'intellettuale negli scritti di Silone e Vittorini. In: **Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia**. Volume XLIV, nuova serie XXX. Università degli Studi di Perugia, 2006/2007.

PETRONIO, Giuseppe. **Racconto del novecento letterario in Italia (1940-1990)**. Milano: Oscar Mondadori, 2000.

PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001.

PAVESE, Cesare. *Il Compagno*. Milano: Oscar Mondadori, 1972.

TRERÉ, Sante; GALLEGATI, Graziella. **Nuovi itinerari nella comunicazione letteraria**. Firenze: Editore Bulgarini, 13ª ed, 1992.